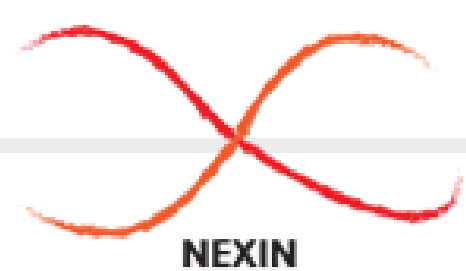


# Expressões da Pandemia

Vol. 7



### Realização Científica

O Boletim "Expressões da Pandemia" é uma atividade do Núcleo de Pesquisa Dialética Exclusão/Inclusão Social (NEXIN/PUC-SP/CNPq), liderado pela Profa. Dra. Bader B. Sawaia, em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ambientes Amazônicos (NEPAM/UFAM/CNPq), liderado pelo Prof. Dr. Renan Albuquerque.

### Organizadores

Bader B. Sawaia  
Flávia R. Busarello  
Juliana Berezoschi  
Renan Albuquerque

### Editoração e Identidade Gráfica

Juliana Berezoschi

### Revisão Técnica

Renan Albuquerque

Os escritos são compilados por participantes, parceiros e apoiadores do NEXIN e do NEPAM.

### Dados do NEXIN

O Núcleo de Pesquisa Dialética Exclusão/Inclusão Social (NEXIN) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) tem como líder a Profa. Dra. Bader B. Sawaia e atualmente está composto por discentes de mestrado, doutorado e pós-doutorado, bem como pesquisadores associados. O NEXIN é um espaço de reflexão e investigação psicossocial permanente, onde são desenvolvidos estudos sobre desigualdade social, com ênfase na servidão humana e na potência de ação emancipadora em diferentes contextos sociais e históricos brasileiros.

[www4.pucsp.br/nexin/](http://www4.pucsp.br/nexin/), [facebook.com/nucleonexin](https://facebook.com/nucleonexin), [instagram@nucleonexin](https://instagram@nucleonexin)

### Dados do NEPAM

O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ambientes Amazônicos (NEPAM) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) tem como líder o Prof. Dr. Renan Albuquerque e atualmente está composto por discentes de graduação, mestrado e doutorado, além de pesquisadores associados. O NEPAM estuda dinâmicas e interações de povos amazônicos em seus diferentes modos de vida no bioma.

[www.facebook.com/ufamnepam](https://www.facebook.com/ufamnepam)

## APRESENTAÇÃO

Estamos no quarto mês da pandemia de covid-19 e no sétimo boletim "Expressões da Pandemia". Nesse tempo, vimos acompanhando sua assustadora trajetória, que desde o início, como todas as pestes em contexto de desigualdade, se encaminhava aceleradamente aos territórios mais pobres do país, o que pode ser mensurado pelo aumento da taxa de contaminação e letalidade dessas regiões em relação às demais, assim como pelo sofrimento que nos foi imposto. Um sofrimento claramente ético-político, pois é ampliado segundo correlações de comorbidade, estas as quais se desdobram em várias outras, sobremaneira em razão da desigualdade social de dimensão afetiva singular.

Por meio de poemas, narrativas e ensaios fomos acompanhando a configuração desse sofrimento. Falamos do medo e da esperança, do ódio e da melancolia. E tudo alimentado por dinâmicas paralelamente relacionadas ao sistema público de saúde, ao Planalto Central, à queda de ministros e à insensatez de governos, que, sem planos sistematizados de ação, com seu gabinete do ódio e da desinformação, estimulam o espalhamento da doença. Falta de confiança, falta de segurança e melancolia foram aos poucos suplantando ou equiparando-se em sofrimento com o medo e a esperança, misturados pela política de ódio.

Alertamos ao perigo da tendência de decretar a obrigatoriedade da felicidade, da solidariedade e do empreendedorismo como solução. Apresentamos que: devemos mudar nossa relação com a natureza, aprender com os indígenas que sabedoria não significa progresso, aprender sobre a importância do sistema público de saúde e da educação, além de aprender a nos relacionar por trás das telas. Agora, depois de quatro meses de pandemia, a desigualdade é uma marca também da territorialidade do Brasil, que está fragmentada por diferenças econômicas e interesses políticos. Há alguns territórios (cidades, municípios) em lockdown por decreto; outros com shoppings abertos. Há cidades com muitos casos e com taxas de infecção em alta. Há cidades pequenas e com poucos casos. Existem regiões que não têm hospitais ou médicos; e lugares com maior número de mortos que demais.

Notamos taxas de desemprego e subemprego em alta (50 milhões de pessoas) e terras indígenas que decretaram confinamento total, com suas barreiras sanitárias em diversos pontos e vizinhos que se ajudaram. Há alguns locais com festa e pessoas que continuaram com sua vida normalmente, porque não acreditam no "vírus chinês" e nem nas palmas e panelaços das manifestações pró e contra Bolsonaro. Hoje é difícil perceber quantas realidades, dentro de um país de tantas singularidades territoriais e de sujeitos, estão sendo vivenciadas com a pandemia.

O corpo do Estado foi se configurando. Alguns órgãos criados para manter a ordem e o progresso em pleno funcionamento são capazes de qualquer coisa para impedir que o corpo político enfraqueça. Esses órgãos têm o poder de escolher as vidas que podem eliminar e geralmente essas vidas são marcadas pela cor de sua pele. Proteger o corpo político, assim, não significa proteger todas as vidas. De outro lado, o corpo político pode enfraquecer sem que o corpo dos cidadãos o faça.

Trocando em miúdos, o que pode um corpo político? E o que pode um corpo politizado?

Além da crise política, a crise social também se instaura e as instituições já não conseguem mais conter os corpos politizados. E também falamos de um fato que assistimos, protagonizado por manifestantes que foram às ruas nos Estados Unidos algumas semanas atrás, dentro do contexto do movimento "Black Lives Matter", construído em resposta a todo um conjunto de violências acometidas por policiais para manter o corpo político. Sabemos, nesse bojo, que esse próprio corpo político tem ganhado força aqui no Brasil, com movimentos apoiadores de decisões de governo, como vimos quando pessoas invadiram hospitais a fim de verificarem a "veracidade do vírus".

Em síntese, o território brasileiro sente no corpo as afetações da pandemia, ora marcada pela ampla desigualdade social na América em geral. E os corpos de seus cidadãos também, mas nem sempre isso ocorre em uníssono, dado que os interesses são opostos.

O corpo humano, assim como o corpo político, é um organismo composto de outros organismos e, dessa forma, ambos, enquanto estrutura física pulsante, buscam perseverar em sua existência e, o que só é possível no encontro com outros corpos, na co-existência, esta compreendida como necessária para que eu possa ser/existir em comum. O que parece não estar acontecendo.

O corpo humano pode ser afetado por um mesmo objeto de inúmeras maneiras, tal e qual o mesmo ocorre em um corpo político. O vírus, por sua vez, ao atingir o corpo pode provocar uma infecção generalizada. Ao atingir as instituições provoca uma grande crise, ressaltando as profundas raízes da estrutura do governo.

Tomar o corpo como receptor da pandemia, o corpo de cada um e o corpo político, permite observar o embate ético-político entre o Estado e o cidadão na pandemia, mediado pela desigualdade social.

Segundo Spinoza (E II, Prop. 13, Cor), “[...] o corpo humano existe tal como o sentimos”, por isso somos sujeitos mente/corpo singulares, que se distinguem entre si pelo movimento e repouso (E II, Lema 3, Dem).

O corpo é a forma de nos relacionarmos com a realidade e a materialidade e, por isso, o filósofo da alegria afirma que ninguém sabe o que pode um corpo (Spinoza, E III, Prop 2 Esc), quiçá o que pode um corpo em uma realidade de pandemia.

Um ato de transitar no espaço, antes normal, agora é permeado pelo constante estágio de vigília do corpo. Voltemos à pergunta do filósofo: o que pode um corpo? Ao que completamos: o que pode um corpo em isolamento, sendo o isolamento configurado por comorbidades políticas e econômicas.

Deleuze[1] ao indicar caminhos nos diz sobre o poder do corpo de afetar e ser afetado. Um corpo pode ser afetado de várias formas, ao mesmo tempo.

[1] Deleuze, G. (2012) Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981). 2ª edição. Seleção e Introdução de Emanuel Fragoso e Hélio Rebello Jr. Fortaleza: Editora da UECE.

Assim como cada espécie animal tem a capacidade de afecções distintas, humanos inseridos em sociedades e culturas diferentes também são afetados por elas de formas diferentes. E, ao relembrar dessa diferença, Deleuze exemplifica contextualizando a história dos indígenas liquidados na América do Sul. De modo que não havia necessidade de usar armas, apenas espalhar roupas e pertences de gripados seria o suficiente para os indígenas não sobreviverem. O que ele mostra com isso é que precisamos conhecer as diferentes formas que um corpo pode ser afetado, e isso inclui o poder de agir do corpo e de pensar da mente.

Durante a pandemia surgiu, de forma mais intensa, o corpo multitarefas, que mesmo não transitando nos espaços físicos está transitando nos espaços virtuais - o home office ocupou a vida dos trabalhadores que, na ausência do horário, tem suas vidas invadidas pelas diversas tarefas, além de diversas lives e programações digitais. Para nos ajudar a pensar essas questões, embora elas se interpenetrem, perguntamos qual vírus está afetando mais nosso corpo. O vírus da pandemia da saúde ou o vírus da pandemia capitalista ou o do autoritarismo?

O que sabemos é que o encontro de forma direta com o coronavírus, para uns, pode ser letal, pois afeta de tal maneira que muitos corpos perdem totalmente sua capacidade de agir. Há aqueles corpos que, apesar de sobreviverem ao vírus, são afetados pela fome e mobilizados a se colocarem em risco, saindo de casa para trabalhar e conseguir alimentos. Outros que, por não poderem manter a mesma condição social anterior à pandemia, são afetados pelo ódio e se mobilizam para afastar ou eliminar tudo aquilo que lhes causa esse afeto, como temos visto nas ruas, aos domingos, acreditando que continuarão perseverando em sua existência.

Essas são algumas reflexões que o sétimo boletim "Expressões da Pandemia" apresenta no intuito de afetar em seu corpo, perguntando: como você é afetado pela pandemia? Quais são os encontros que mais estão afetando seu corpo?

Há relatos de saída às ruas que se tornaram programadas para serem reduzidas em tempo, tirando assim a espontaneidade dos encontros antes vividos. Outras enfatizam que o medo e a esperança surgem como flutuações afetivas, ora a desesperança surgida pela ideia da dúvida de um futuro para o país e sua população, e ora pela incerteza de quando o momento pandêmico irá terminar. Mas ainda há uma possibilidade de esperança de que um dia esse momento vai acabar, e que os encontros deixem de ser somente virtuais.

Quanto tempo você não abraça alguém? O abraço não é um só aconchego. É contato entre corpos, expressa partilha de felicidade, carinho, de acolhimento e segurança, algo que não é possível através das telas.

O texto da professora Jaqueline relata a vida de uma psicóloga em tempos de pandemia. Dois outros refletem sobre afetos presentes na pandemia brasileira: a melancolia ético-política, apresentada por Pedro Pessanha, e a esperança/utopia, no texto de Gláucia Purin. O texto de Elisa Harumi traz a arte como um suspiro, uma certa leveza ao corpo, então amedrontado pelo vírus. Ela reflete a partir de sua história, enquanto neta de imigrante oriental, correlacionando questões das resistências e lutas na ditadura do Brasil. Silvio Barreto, por sua vez, encerra o volume mostrando como o corpo indígena vem enfrentando há séculos as diversas pandemias.

Desejamos que esse boletim seja um bom encontro, que cause boas afetações em seu corpo e que as palavras sejam um abraço através dos olhos.

Bader B. Sawaiia  
Profa. Titular da PUC-SP. Docente Permanente  
do Programa de Estudos Pós-Graduados em  
Psicologia Social. Líder do NEXIN.

## A leveza é um pássaro azul

Talvez alguns de vocês já tenham visto o vídeo lançado por Gregório Duvivier na sexta-feira do dia 15/05/2020. Caso não tenham acessado, recomendo fortemente que assistam. O tema trazido pelo "Greg News" foi o da leveza e é impressionante como, em quase meia hora, o humorista carioca traz à tona uma junção entre: o contexto brasileiro nos últimos dias, marcado pela tragicomédia expressa na síntese da figura de Regina Duarte ("namoradinha da ditadura... ops, digo namoradinha do Brasil"), a cultura como protagonista no enfrentamento à covid-19 e a morte como visita indesejada que sempre entra em nossas casas mais cedo ou mais tarde.

Não vou repetir os clássicos trazidos por Gregório que tratam do tema da morte, contudo acrescento para a lista "Intermitências da morte", livro de José Saramago. Em um breve resumo, trata-se de uma distopia em que a morte entra em férias. A seguinte frase inaugura o livro: "No dia seguinte ninguém morreu". Atualizando para o contexto brasileiro, poderíamos falar de seu avesso: "no dia seguinte, centenas de valas foram abertas". Apesar dessa brincadeira dos contrários, há a similaridade com a denúncia de Saramago para a politicagem em torno da morte e, conseqüentemente, da vida. Querem maior politicagem da vida do que uma ministra da Secretaria de Cultura que faz chacota com os mortos da ditadura. "Gente, vamo embora, né, vamo embora pra frente, 'pra frente, Brasil, salve a Seleção. De repente, é aquela corrente pra frente'. Não era bom quando a gente cantava isso?".

O alerta de Gregório é assustador: o discurso de que "devemos seguir em frente" é na verdade a manifestação de que estamos caminhando para trás. Ou seja, estamos seguindo o exemplo da Alemanha, mas no ano de 1933. Na época do nazismo, Hanna Arendt sofreu duras represálias por colocar a população em estado de vigilância constante com o alerta sobre a "banalização do mal". Após 57 anos da publicação de seu livro "Eichmann em Jerusalém", presenciamos o nome da autora sendo banalizado, várias vezes, pela boca do atual ministro Dias Toffoli, no programa Roda Viva.



Noutro ponto, Gregório relembra o programa de Jô Soares com a entrevista de Zeca Pagodinho, em que ele explica a diferença entre samba de roda, partido alto e pagode. Diferença que só conseguimos perceber quando alcançamos aquilo que Henri Wallon chamaria de pensamento simbólico, Piaget chamaria de pensamento abstrato e Vygotsky chamaria de pensamento dialético. Ou seja, a capacidade de compreender que uma mesma coisa "é" e, ao mesmo tempo, "não é". Não sou a filha nascida na ditadura, mas ao mesmo tempo sou filha da ditadura!

Há algum tempo tenho trilhado o caminho de escutar as memórias de minhas raízes ancestrais. Por que estou contando isso? Porque não há muitos espaços para falar sobre esse tema, afinal o espaço familiar nunca foi lugar para isso. Espero que o lugar da academia possa ser esse espaço de reflexão.

Sou neta de um avô que se alistou como soldado para lutar na Batalha de Okinawa, no arquipélago de Ryukyu, cenário do maior ataque anfíbio durante a campanha do Pacífico na Segunda Guerra Mundial. Sua irmã (Maria Yoneko Nakaema) alistou-se como enfermeira e, ao contrário dele, não sobreviveu. Teve a vida interrompida por conta de uma bala de canhão que atravessou seu corpo.

Meu avô nasceu no Brasil, participou da guerra por conta de seu pai que, apesar de migrar para terras brasileiras, nunca esqueceu o nacionalismo pelo Japão - sentimento que fez com que mandasse seu filho e sua filha para a Segunda Guerra. Aliás, soube dessa história por um acontecimento que foi o surto psicótico de minha mãe (filha do meu avô que lutou na guerra), que ocorreu há três anos atrás.

Minha mãe terminou de assistir o documentário de Simonal, intitulado "Ninguém sabe o duro que dei". Resumidamente, conta a história de um artista brasileiro e espião na época da ditadura. "Na época, eu tinha 15 anos, só via as notícias sobre balas perdidas nas ruas. Aqui no documentário tá falando que muitos estudantes da PUC-SP e da USP foram mortos".

Presenciei desde a infância as andanças de minha mãe por diversas religiões: cristã, budista, espírita... Até chegar em sua atual dedicação com a igreja messiânica. Diferentemente dela, não estou em nenhuma instituição religiosa e, tampouco, considero-me atea. Antes, como diria uma amiga, "sigo o Deus de Spinoza". Em uma conversa com minha mãe sobre nossos ancestrais, perguntei a respeito de minha tia-avó. Assim, a ideia pela qual meu corpo foi afetado ao escutar a sua resposta ("na igreja recebi uma carta em que ela avisa que já reencarnou") foi: "Sou eu. Ela sou eu". No instante seguinte, as imagens da enfermeira Maria sendo assassinada no campo de batalha e do assassinato de estudantes na invasão ocorrida pelo regime na PUC-SP convidaram o corpo memorioso a dançar.

Tais afecções que surgem no corpo é mesmo algo curioso, talvez, até um meio de subverter a náusea gerada por um tempo que nunca deixou de ser pútrido. Lembram da flor de Drummond? "Uma flor nasceu na rua! Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego. Uma flor ainda desbotada ilude a polícia, rompe o asfalto. Façam completo silêncio, paralise os negócios, garanto que uma flor nasceu". Em tempos de guerra, sempre nascem flores no asfalto, ainda que sejam feias.

Em um período da história no qual temos de manter o isolamento físico, marcado pela escassez de abraços na guerra contra o estranho e invisível vírus, eis que o encontro com a arte é mais uma vez necessário em tempos duros. Tom Zé que o diga, em sua canção subversiva "Menina, amanhã de manhã", que faz denúncia contra os porões da ditadura. "A arte é o social em nós". Esta frase de Vygotsky é atualíssima.

No final do episódio do "Greg News" presenciamos o caráter agregador com o qual nos apresenta sua família. Não sei vocês, mas por alguns segundos a breve apresentação das pessoas que estavam atrás da câmera trouxe a tal leveza. Leveza por contarmos com a criatividade inventiva que forja a identidade brasileira. A lembrança sempre importante da figura de Tom Zé que marca a resistência contra a tal da felicidade na ditadura.

Ah, antes que me esqueça alguns poderão se perguntar: "de onde vem o pássaro que dá título ao texto?". Quase no final do "Greg News", olhei para o quintal e pousou no pé de mexerica um pássaro azul, de um azul que nunca tinha visto. Era da cor que fica o céu em dia de sol, sem nuvens, como o dia de hoje. Aliás, já se perguntaram: por que o céu é azul?

Elisa Harumi Musha  
Trabalhadora brasileira com descendência okinawana, herdeira de  
muitas das lutas de nossas(os) antepassadas(os). Doutoranda em  
Psicologia Social pela PUC-SP e professora  
universitária na Faculdades Integradas de Ciências  
Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos (FG)  
e na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Santo André, 25 de maio de 2020.

## Anotações de uma psicóloga de guerra

“O Brasil não é meu país  
é meu abismo  
meu veneno,  
nosso câncer”

Jomard Muniz de Britto (1982)[1].

Em 12 de março de 2020, eu acordei me sentindo mal. Porém, não podia deixar de realizar a palestra sobre "Representatividade" no Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), em Engenheiro Paulo de Frontin, às 10h30, para a qual eu havia me comprometido e os colegas do Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas (Neabi) daquele campus, a mais de 100 quilômetros de minha casa, no bairro da Glória, Zona Sul do Rio, haviam reservado um carro para me buscar. Eu cancelara todas as atividades em meu próprio campus do IFRJ, em Belford Roxo, mantendo na agenda uma roda de conversa online sobre "Ser Mulher na Contemporaneidade", às 14h, que eu faria pelo celular. Tomei um analgésico e um anti-inflamatório.

Apesar de ir sonolenta, os eventos transcorreram bem, mesmo a conversa por telefone com um Centro de Referência de Atendimento a Mulheres de São Paulo, que forçosamente fiz no trajeto de volta à cidade do Rio de Janeiro. No entanto, o mal-estar só aumentava, assomado a uma intensa dor de garganta, que me fazia espirrar bastante. Temi que fosse algum sintoma do novo coronavírus, dadas as notícias que chegavam e a declaração da Organização Mundial de Saúde (OMS), na véspera, de que a covid-19 se tornara uma pandemia[2].

Pedi ao motorista que me deixasse no Hospital Espanhol, na Lapa. Somente após ter desembarcado, eu descobri que estava fechado para reformas. Chamei um uber e parti para o Hospital Laranjeiras, na rua homônima.

[1] BRITTO, Jomard M. (1982). Terceira Aquarela do Brasil. Recife: Ed. do Autor.

[2] Fonte:[https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/transcripts/who-audio-emergencies-coronavirus-press-conference-full-and-final-11mar2020.pdf?sfvrsn=cb432bb3\\_2](https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/transcripts/who-audio-emergencies-coronavirus-press-conference-full-and-final-11mar2020.pdf?sfvrsn=cb432bb3_2)

Sempre que eu passo na frente dele me recordo de Cássia Eller, cantora que tanto amo e que me lembra de coisas boas da minha cidade natal, Brasília. Penso nela porque foi onde a atenderam, antes de seu falecimento.

Após ser enfim atendida, recebi o diagnóstico de laringite, um receituário de antibiótico e outras medicações, além de um atestado médico de afastamento do trabalho, que se mostrou inútil no dia seguinte, pois a Reitoria do IFRJ decretou a suspensão de todas as atividades acadêmicas presenciais, em virtude do SARS-coV-2. Era sexta-feira e eu tinha uma reunião agendada no Grupo Arco-Íris, Organização Não-Governamental histórica de defesa dos direitos da população de pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexo e demais minorias sexuais e de gênero (LGBTI+), que não fica distante de onde moro, da qual eu não me permitia furtar: praticamente a última reunião de organização do curso de Cidadania LGBTI+, Participação Social e Políticas Públicas realizado pela ONG, para o qual eu havia desenhado conteúdo e no qual eu sou docente.

Sintomático estar ali, pensei eu, ciente de que esta não é a primeira epidemia enfrentada pela população LGBTI+, a qual sobreviveu praticamente sem apoio do Estado e, na maioria dos casos, com a oposição dele, ao HIV/AIDS nos anos 1980, reformulou-se e avançou. Essa foi a minha última ação fora de casa, até o momento em que escrevo estas palavras, em 06/06/2020. Mas não foi minha última atividade pública desde então. Jamais em minha vida interagi com tantas pessoas e com tamanha intensidade praticamente todos os dias úteis, e às vezes nos fins de semana. Nem mesmo durante a campanha eleitoral para deputada estadual que enfrentei em 2018!

É falacioso dizer que nós, que podemos ficar em casa, durante esta quarentena, vivemos um isolamento social; sim, ele é físico (excetuando o detalhe particular de que tenho convivido diuturnamente com o meu namorado, que tem me auxiliado de forma incessante em tudo), porém continuamos nos procurando e encontrando, só que virtualmente.

E no meu caso, em um ritmo impressionante: eu fui nomeada a Rainha das Lives[3], segundo a Casa 1, abrigo para a população LGBTI+ em situação de rua da Cidade de São Paulo! Principalmente por meio do meu canal no Instagram - @instadajaqueline - debati com centenas de pessoas temas geralmente contextualizados à pandemia, como saúde mental (para o qual sou mais procurada); a situação das infâncias e adolescências sob risco; violência contra mulheres; política; economia colaborativa; empreendedorismo periférico; representatividade trans na cultura; história LGBTI+ de Brasília; mundos do trabalho; escravidão contemporânea; ações afirmativas; fascismo; falácia da ideologia de gênero; prevenção ao suicídio; psicologia des oprimides; encarceramento; mulheres negras na diáspora; resistência; orgulho; utopia; entre muitos outros.

Tenho falado para variados públicos, de estudantes a professores, de políticos a líderes religiosos, de artistas a pesquisadores.

Conversei tanto com brasileiros quanto com norte-americanos, em inglês, para lhes chamar a atenção para o terrível estado de coisas que vivemos em nosso país (influenciado diretamente pela presidência de Donald Trump nos EUA), que no dia 2 de junho ultrapassou a horrenda marca dos 30.000 mortos pelo novo coronavírus, realizando-se assim o desejo incontido do então deputado federal Jair Bolsonaro, em 23 de maio de 1999, que não sendo o voto suficiente para resolver o que ele considerava problemas do país, seria necessário fazer o que a Ditadura Militar de 1964 não fez, "matando uns 30 mil". "Vão morrer alguns inocentes. Tudo bem. Em toda guerra, morrem inocentes" (BOLSONARO, 1999)[4].

Eu tenho praticado uma psicologia de guerra. Preciso. Sinto-me movida a isso. Fora declarada uma guerra psicológica contra nós, especialmente mulheres, negros e LGBTI+, desde a posse do presidente Bolsonaro.

[3] Fonte: <http://www.casaum.org/a-jaqueline-gomes-de-jesus-se-tornou-a-rainha-das-lives-e-a-gente-so-tem-a-agradecer>

[4] Fonte: <https://youtu.be/E1BQbueU0tQ>

Testemunhei muitas mortes igualmente de pessoas próximas, "suicidadas", antes e agora, durante a pandemia. A qual também é uma infodemia. As pessoas estão sofrendo pelo excesso de informação e pela desinformação. As fake news adoecem. Eu sou procurada. Atendo, do meu celular, por áudio e vídeo, pessoas ansiosas por serem escutadas.

Tomei posse na Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia. Fiz um curso de manejo clínico da covid-19, oferecido pelo Ministério da Saúde. Acompanhei quase uma dezena de pesquisas na área de saúde sendo feitas pela internet, algumas de cuja metodologia discordo, especialmente quando utilizam o conceito de "sexo biológico" para pretensamente alcançarem "verdades" sobre os corpos em risco. Vi artigos meus sobre saúde mental de minorias sexuais e de gênero, escritos ano passado, em parceria com colegas da Duke University, na Carolina do Norte (EUA), serem enfim publicados em revistas científicas internacionais.

Tem dias que eu canso deveras. Perco o foco, fico estafada. Lembro que preciso parar. O teletrabalho (que no Brasil persistem em chamar de home office), nos suga de uma maneira aviltante. Enganosa. Por vezes parece um novo buraco negro da exploração de nosso trabalho pelo capitalismo. Assisto a TV, séries, novelas, leio, jogo videogame (coloquei-me na pele de cowboys do século XIX a andróides no século XXXI), converso com meu amado, namoro. Apesar de estar conseguindo escrever, essa prática tem sido a mais difícil. Por exemplo, demorei quase dois meses para enfim redigir estas anotações, que brotaram de supetão. Basta para mim conseguir sentar em frente ao computador, esperando que ele não dê tilte para que eu tenha de reiniciá-lo, o que costuma acontecer.

Em resumo, têm sido assim meus dias e noites, principalmente estas, que tenho alongado madrugada adentro. Não sou muito rígida comigo mesma e nem com os outros quanto a horários. Nunca fui. Sou crítica das burocracias, mas as compreendo. É sábado. Tenho certeza que, daqui a pouco, aproximadamente às 10h, o vizinho do andar de baixo vai tocar uma MPB (ou estrangeira do século XX) em um volume que me acordará.

Serei desperta com suco de limão, café e, eventualmente, pão de queijo, preparados pelo meu namorado, que sempre acorda muito cedo. Tenho tido rotina, mesmo que elástica.

Tem sido difícil, sim, mas estou bem, cuidando de mim, dos meus e dos demais, mesmo que estejamos separados por telas. Recordemos que nossos ancestrais, mesmo escravizados, sobreviveram a momentos piores. Quem me lê saiba: desta crise faremos brotar a crítica, afrontaremos o normal anormal que vigorava antes do isolamento físico e encontraremos oportunidades para fomentar transformações! E como psicóloga avessa a formalismos, parafraseando o revolucionário Herbert Daniel eu proclamo: "ousemos lutar, usemos vencer! Como? Vivendo a vida! Viver é a maior das militâncias".

Jaqueline Gomes de Jesus  
Professora de Psicologia do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ). Doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília (UnB). Líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Cultura, Identidade e Diversidade ODARA). Coordenadora do Núcleo de Diversidade Marielle Franco (NDIVAS/IFRJ, campus Belford Roxo). Em 8 de março de 2017 recebeu a Medalha Chiquinha Gonzaga, honraria concedida pela Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro a mulheres com reconhecidas contribuições à sociedade das mãos da vereadora Marielle Franco (#JustiçaPorMarielleAnderson).

Rio de Janeiro, 6 de junho de 2020.



## Esperança e fundamentalismo na pandemia

Por vários dias, durante a pandemia, aqui em São Paulo, em ligação telefônica com familiares, escutei que eu deveria "orar para Deus/Jesus". A justificativa era que só "Ele" poderia nos ajudar nesta situação (referindo-se à pandemia). Meus familiares estavam nitidamente sentindo medo pelo risco de que eu fosse contaminada pela covid-19. Mas ao mesmo tempo demonstraram esperança, acreditando que a fé em Deus/Jesus poderia me "salvar" do risco da contaminação.

Este é apenas um dos discursos. Durante a pandemia acompanhei vários outros, que lançaram as pessoas na esperança da "cura", como os que seguem: i) após comentários do presidente dos Estados Unidos (EUA), Donald Trump, durante entrevista coletiva sobre a evolução da crise da covid-19, pessoas passaram a utilizar produtos de limpeza como forma de tratamento, algumas inclusive ingeriram[1]; ii) nas redes sociais do Brasil recomendaram comer alho para prevenir infecções, inclusive de coronavírus; iii) Na China, uma mulher foi hospitalizada devido à inflamação na garganta por ingerir 1,5 kg de alho cru; iv) nos EUA, o youtuber Jordan Sather indicou o uso de dióxido de cloro (MMS) como um "suplemento mineral milagroso", enquanto Jim Bakker, ex-ministro da Assembleia de Deus, em seu programa de TV evangélico, aconselhou o uso de prata coloidal como tratamento para matar o vírus, sendo que autoridades de saúde dos EUA informaram a inexistência de pesquisas com estas substâncias que indiquem cura, além de alertar para o risco do seu uso.[2]; v) No Brasil, o presidente Jair Bolsonaro defendeu o uso de hidroxicloroquina para quem contraiu o SARS-coV-2. No entanto, o medicamento é autorizado para tratamento contra a malária, entre outras doenças.

[1] Matéria publicada dia 25/04/20, disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-04-25/por-favor-nao-comam-pastilhas-de-detergente-nem-se-injetem-nenhum-tipo-de-desinfetante-alertam-medicos.html>

[2] Matéria publicada dia 10/03/20, disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51808368>

Segundo a Organização Mundial da Saúde, não existem evidências científicas de que a cloroquina e derivados possam gerar benefícios no tratamento da covid-19, além disso a agência federal do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos EUA (FDA - Food and Drug Administration) retirou a autorização para uso de cloroquina e hidroxicloroquina em caráter emergencial, devido a improvável eficácia antiviral das substâncias segundo avanços de pesquisas. No Brasil, são tantas fakenews sobre a cura da contaminação pelo vírus que o Ministério da Saúde criou uma sessão especial para avaliá-las, confirmando ou negando-as: <https://www.saude.gov.br/fakenews>.

Motivada por estas provocações na pandemia, analiso a questão da esperança vivida diante do medo, fazendo um recorte de discursos e ações de instituições religiosas.

Para Spinoza (Ética III, proposição 18), o medo é um afeto definido por uma tristeza instável, surgida da imagem de uma coisa duvidosa. O medo é acompanhado da esperança, que impede nossa paralização diante dele. A esperança é uma alegria instável que surge da dúvida de uma coisa futura. Nas reuniões do Núcleo de Pesquisa da Dialética Exclusão/Inclusão Social (NEXIN), a partir da teoria de Spinoza (Ética) e Vigotsky (2009), discutimos e analisamos no subtexto dos discursos/ações a qualidade ética dos afetos vividos pelos sujeitos.

Nessa perspectiva, o corpo não está separado da mente. O corpo é um só, é afetado por inteiro, de forma que não há ideia que não tenha sido uma afecção do corpo. Compreendemos nossa vida corporal, mental e do mundo que nos rodeia a partir das imagens e das ideias dessas. Assim, o que acontece em nosso corpo, as afecções, "é experimentado por nós sob a forma de afetos (alegria, tristeza, amor, ódio, medo, esperança, cólera, indignação, ciúme, glória) e por isso não há imagem alguma nem ideia alguma que não possua conteúdo afetivo e não seja uma forma de desejo" (CHAUI, 1995, p. 125).

Temos verificado no NEXIN que os afetos não são monolíticos, com um único sentido e direcionamento da ação. Por exemplo, com relação à esperança, vemos uma variação em duas direções: a esperança e a esperança/utopia. Na primeira, vivo na superstição e por isso minha esperança é contraditória. Renuncio minha liberdade sem ter clareza do que faço. Na segunda, ajo adequadamente buscando a minha liberdade. Apresentarei com mais detalhes estas duas qualidades. Vamos a elas.

Freire (1987) retrata a dualidade na esperança de esperar e na esperança de esperançar. Para ele, a esperança em si não transforma o mundo. Essa ideia seria um ato de ingenuidade. No entanto, sem a esperança cairíamos no fatalismo, no pessimismo. Freire aponta: "[...] movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero" (ID., p. 47). Mas a segunda esperança implica diretamente em uma ação, já que "enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã" (FREIRE, 2002, p. 05).

### Esperança/utopia

Nesta concepção, a esperança motiva a ação. Agimos adequadamente em busca da realização do que necessitamos para nossa liberdade. Aqui, a utopia, apesar de ser um ideal, serve de guia para nosso agir. Ou, nas palavras de Galeano, "[...] para que serve a utopia? Para que eu não deixe de caminhar[3]". E este caminhar está diretamente relacionado à ética da liberdade, onde o outro não é um apêndice, mas sim importante e necessário para mim. No entendimento, Spinoza afirma que "nada é mais útil ao homem que outro homem" (ÉTICA CAP. IV, PROP. 35, COROL. I), pois com este outro me torno mais forte, ou, em suas palavras, "a potência comum é mais poderosa do que o conatus individual" (TTP, CAP. II, §13). Para ele, o sujeito é um ser de desejo, é uma potência de perseverar na própria existência enquanto condição ontológica de se expandir, mas que só acontece na existência cotidiana com o outro.

[3] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9iqi1oaKvzs>

Ou seja, é na qualidade dos encontros com outros corpos que podemos nos expandir ou retrair. Daí a importância ética do outro, que vai definir a composição ou decomposição de mim.

Verifiquei esta esperança/utopia na pesquisa de doutorado "Implicações psicossociais da participação de estudantes no movimento secundarista autônomo de São Paulo" (PURIN, 2020). Os secundaristas sentiram na "pele" a dor de serem considerados e tratados como indignos. Após as ocupações em 2015 e 2016, os secundaristas passaram a sofrer frequentemente e intensamente violências policiais e violências no ambiente escolar, sendo agredidos, vigiados, humilhados, desprezados, desqualificados, ridicularizados, perseguidos politicamente, deslegitimados e criminalizados.

Mas, ao mesmo tempo, também experienciaram um sentimento de comum e esperança/utopia — uma ideia reguladora do que é a escola, a educação e a vida na sociedade, e de como estão relacionadas liberdade e horizontalidade nas relações — que os motivou a agir com os outros e enfrentar formas de servidão, superstição e sofrimento; mesmo que isso significasse correr risco de morte em muitos momentos.

Sentiram-se felizes, alegres e esperançosos quando alcançaram uma revogação de decreto do governador, que manteve todas as escolas em funcionamento, em 2015, além de merenda nas escolas estaduais para todos, em 2016, e perceberam ainda que a semana da consciência negra e da cidadania permaneceu como atividade fixa nas escolas, entre outras conquistas.

### Esperança no fundamentalismo

Esta qualidade de esperança é da ordem da impotência e da servidão. Nos leva a abrir mão da nossa liberdade e colocá-la nas mãos do outro (líderes políticos, Deus, patrão, etc.).

Observemos as seguintes descrições:

- Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus, publicou um vídeo em que diz que o coronavírus não passa de uma estratégia de satanás e da mídia para induzir as pessoas ao pânico, no qual ele afirma que "qualquer ventinho que tiver é uma pneumonia para elas". O bispo declarou que os verdadeiros fiéis têm "coronafé", explicando que "é aquela confiança, aquela certeza de que Deus está contigo e que ele nunca, jamais, em tempo algum, vai falhar com aqueles que nele têm crido, naqueles que depositam a sua fé Nele".[4]
- Valdemiro Santiago, da Igreja Mundial do Poder de Deus, instalada no bairro do Brás, em São Paulo, definiu a covid-19 como "exu corona". Disse aos frequentadores que o número de pessoas mortas no país pelo vírus é fakenews. Argumentou que "quem cura é Deus, não a ciência", demonstrando que várias pessoas já tinham dado seu testemunho de cura[5].
- No início de março, em Porto Alegre, na Catedral Global do Espírito Santo, os autodenominados profetas Silvio e Maria Ribeiro distribuíram panfletos com os dizeres: "O poder de Deus contra o coronavírus. Venha porque haverá unção com óleo consagrado no jejum para te imunizar contra qualquer epidemia, vírus ou doença".[6]

Os líderes evangélicos acima minimizaram os riscos da pandemia, negaram e criminalizaram informações da mídia e de pesquisas científicas, além de defenderem que sua causa é o "diabo" ou, na compreensão religiosa, o afastamento de Deus/Jesus. Logo, a única salvação é crer. Esta ideia também é retratada no panfleto divulgado em Porto Alegre, através da citação literal da Bíblia (Salmos 107:20): "Ele enviou a sua palavra e os curou, e os livrou da morte". Ou seja, houve o argumento da cura e precaução a qualquer mal unicamente pela fé.

[4] Matéria publicada dia 19/03/20, disponível em: <https://apublica.org/2020/03/megaigrejas-continuam-abertas-e-dizem-que-fe-cura-coronavirus/>

[5] Matéria publicada dia 08/05/20, disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/veja-gente/exu-corona-emprestimo-para-o-dizimo-e-semente-milagrosa-contra-a-covid/>

[6] Matéria publicada dia 03/03/20, disponível em: <https://gl.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/03/03/se-soubesse-que-causaria-polemica-jamais-teria-falado-diz-pastor-que-teria-prometido-imunizar-do-coronavirus-no-rs.ghtml>

Ou seja, pregam para as pessoas que se elas forem fieis à palavra de Deus/Jesus não irão contrair a covid-19, como bem retrata o pastor Sílvio Ribeiro em vídeo: "se você tem o Espírito Santo, a doença vai cair quando chegar em você" [7]. Além disso, este discurso também está com frequência aliado a pedidos de doação de dinheiro, venda de produtos etc., correlacionando pagamentos financeiros à "salvação" do risco de infecção do SARS-coV-2 unicamente pela fé.

No período da pandemia, Valdemiro Santiago ofereceu sementes de feijão por R\$ 1.000,00 para manter a prosperidade e livrar o fiel do coronavírus. No dia 30/04/2020, Edir Macedo declarou que "dar dízimo é cumprir o dever com Deus" e pregou que, quem não doava, corria o risco de ficar desempregado[8]. Em 18/04/2020, uma suposta pastora pediu, em vídeo, que fiéis pagassem o dízimo de R\$ 600,00 do auxílio emergencial às igrejas, argumentando que "era um dinheiro que você não ia ter, não ia receber, e o senhor estava usando o nosso presidente para nos abençoar".[9]

Essas ações revelam interesses econômicos e utilizam-se de discursos fundamentalistas para tanto. Em geral, os adeptos ao fundamentalismo não aceitam nenhuma opinião contrária às crenças que possui. Para isso, negam quaisquer conhecimentos, evidências, fatos, observações, testes laboratoriais etc., ao custo de sustentar uma única opinião. O fundamentalismo religioso alega que a secularização da sociedade decorre de prejuízos morais e afrontas a preceitos de fé que organizavam a vida social de pecados cometidos. Para retornar ao "normal", defendem a necessidade de retomar valores tradicionais relativos à família heteronormativa, à monogamia, à decência de práticas sexuais restritas a ideais familistas de procriação etc.

[7] Matéria publicada dia 03/03/20, disponível em: <https://gl.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/03/03/se-soubesse-que-causaria-polemica-jamais-teria-falado-diz-pastor-que-teria-prometido-imunizar-do-coronavirus-no-rs.ghtml>unicamente pela fé.

[8] Matéria publicada dia 08/05/20, disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/porque-o-brasil-se-tornou-campeao-mundial-da-desordem-na-quarentena/>

[9] Matéria publicada dia 18/04/20, disponível em: <https://revistaforum.com.br/redes-sociais/suposta-pastora-pede-dizimo-de-auxilio-de-r-600-deus-usa-bolsonaro-para-nos-abençoar-assista/>

É inclusive um movimento que busca uma "forma de reconduzir Deus ao campo da política, do qual fora banido" (ARMSTRONG, 2009, p. 491). Por isso, torna-se uma ofensiva aos princípios democráticos e de reconhecimento da diversidade moral, cultural, sexual e das possibilidades diversas de subjetivação da humanidade (LIONCO, 2017). Nessa perspectiva, os líderes evangélicos reafirmam o seu fundamentalismo defendendo que todas os problemas ocorrem por um único motivo: as pessoas não estão seguindo corretamente as recomendações de Deus, escritas na bíblia, e por isso são pecadoras e culpadas. Essa lógica pode ser verificada na palestra proferida pelo Bispo Renato Cardoso, da Igreja Universal do Reino de Deus, registrada no vídeo intitulado "Método causa e efeito: aproveite e mude sua vida"[10]:

O ser humano já nasce com fé. A fé é tão inerente ao ser humano como o respirar, como comer e beber. Sem fé ninguém vive. [...] a bíblia diz que você tem que ter fé até pra comer, pra trabalhar que você vai ganhar o salário, fé pra fazer negócios. [...] Se esta fé não é direcionada para o Deus vivo ela vai ser direcionada pra alguma coisa ou alguém.

Alguém fala uma coisa negativa e ela vai lá e "dá três toquinhos na madeira". Pra que? Não funcionou pra árvore porque ela morreu, mas mesmo assim faz... "Cruza os dedos e diz tomara". [...] Isso é fé em coisas inanimadas, em objetos, em credices populares.

Então a religião nasce disso, da fé que as pessoas tem, natural, inerente. Só elas não utilizam essa fé num Deus vivo, então vem o mundo e apresenta algo pra ela colocar a fé dela.

Os ídolos vão nascendo da necessidade das pessoas, como o santo casamenteiro, Santo Antônio, e santo São Jorge que dá força e vitória contra os inimigos.

[10] Vídeo publicado dia 19/05/20 disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ulSkaPdxBPA>

[...] O povo idolatrou Baal, esperando que desse fertilidade na plantação, mas recebeu em troca a miséria, pois este Deus é inanimado, não verdadeiro. [...] Então, o povo sofreu lá - desgraça por 7 anos, mas porque fez o que era mal [idolatria]. (Renato Cardoso, vídeo do youtube publicado em 19/05/20). (grifos nossos)

Nos trechos, o bispo critica a superstição de idolatria em imagens religiosas e outros conhecimentos, como crenças populares. No entanto, cria uma outra superstição, um "Deus vivo", que é causa de tudo (premissa fundamentalista). Portanto, se a graça alcançada é resultado da fé em um "Deus verdadeiro" (Deus vivo), e se não é concedida, é fruto da crença em um "Deus falso" (inanimado). Nessa condição, a culpa será do pecador, que não cumpriu alguma regra estabelecida por este "Deus vivo". No caso da pandemia, a premissa é a mesma: os fieis estão imunes à contaminação, e se forem contaminados é porque não foram crentes no "Deus verdadeiro".

Contudo, viver o medo neste período da pandemia é um afeto coerente com a realidade, pois diariamente pessoas estão falecendo em todas as regiões do país devido a complicações decorrentes da contaminação com a covid-19.

No entanto, a esperança numa causa externa, como por exemplo um ser superior que pode nos "salvar" da contaminação ou da miséria, é uma esperança supersticiosa, incoerente e alienante, como apontado pelos autores acima. Ou seja, trata-se de uma esperança de esperar, onde o sujeito espera que alguém venha lhe salvar, colocando a sua liberdade sob responsabilidade do outro.

Pode de imediato, aparentemente, acalmar o sentimento de medo, mas manterá a pessoa em uma afecção de dependência eterna do outro (ser superior) e de culpa pela "salvação" não concedida. Além disso, esta esperança não desperta nas pessoas a solidariedade ou generosidade com o outro.



Ao contrário, pode despertar o julgamento e egoísmo com o outro que não cumpre ou pensa de igual forma, já que só é possível uma ação: seguir o que se "manda" sem questionamento ou contraponto, pois pode causar a "ira ou ciúme" deste Deus. Assim, impõe que todos abram mão da sua liberdade em função de um outro, sem questionamento.

Profa. Dra. Gláucia T. Purin  
Docente no Departamento de Psicologia da  
FIG-SP, pesquisadora do NEXIN/PUC-SP e  
integrante do Núcleo SP Abrapso.

São Paulo, 15 de junho de 2020.

## Reagindo para respirar e se reorganizar

No Brasil, a locomotiva da produção, circulação e acumulação de capitais continua em ritmo acelerado, a despeito das vidas humanas que se acumulam em suas engrenagens. Se paramos pra refletir sobre onde estamos, de modo simples e bastante abreviado à história recente, podemos retomar o modo como os instrumentos de luta da classe trabalhadora se ‘utilizaram’ de grandes empresários a fim de melhorar as condições de vida das classes despossuídas. No engenho dos afetos sociais, saciava a sede de acumulação do capital e melhorava as condições de vida enquanto apaziguava a força própria da revolta popular. No entanto, foram sobretudo utilizados pelas classes dominantes, e descartados, por vias mais ou menos institucionais, quando a depressão do Grande Capital atingiu a economia brasileira e exigiu ser aplacada com maiores sacrifícios humanos.

O período de alguma prosperidade econômica e maior estabilidade sociopolítica foi sendo suplantado por um processo de estreitamento das margens de viabilidade reprodutiva do capital, assim como das possibilidades de conciliação sociopolítica, combinado com um acúmulo de greves, revoltas e repressões policiais, dentre outros fatores que culminaram com a irrupção das jornadas de junho de 2013. Momento em que amplos estratos das classes subalternizadas pareciam ter, mais uma vez, frustradas suas esperanças passivas nas mudanças mediadas pelas organizações representativas dominantes e instituições da ordem. Uma população revoltada passa a demandar respostas diferentes, alternativas, decididas e eficazes, de transformação radical e efetiva. Desejos, no entanto, em sua maioria, ainda profundamente vagos e despolitizados, enredados na flutuação da imaginação imediata, organizados pela sociabilidade nas afecções dominantes no capital e para os reguladores dos meios de produção e difusão de informação.

Concordamos que "não há nada que saibamos, com certeza, ser bom ou mau, exceto aquilo que nos leva efetivamente a compreender ou que possa impedir que compreendamos" (SPINOZA, Et 4, prop. 27), de sorte que não buscamos negar, recriminar ou censurar o nosso e o sentimento popular de intensa raiva, revolta ou indignação, mas compreender, para melhor agir coletivamente, a fim de transformar suas causas adequadas, de modo mais consequente e eficaz. No entanto, sem a construção de instrumentos para o desenvolvimento de tal mediação, alguns dos setores das classes dominantes se serviram do novo engenho social, dos afetos de indignação e ambição popular, para patrocinar uma alternativa supersticiosa, conservadora, mas de aparência radical.

Constrangidos a mudar para conservar o crescimento da espoliação de capitais, parte das classes dominantes, apoiadas por setores sociais intermediários, 'utilizam-se' de uma direita que se esforça por mobilizar as massas, mas é fundamentalmente elitista, subversiva da ordem, essencialmente conservadora e reacionária, de tendência racista, xenófoba, homofóbica, obscurantista, anticiência e anticomunista. Além de se apropriar dos símbolos nacionais, também simula e inverte a finalidade dos métodos, da estética, da revolta, das ideias e afetos próprios à luta popular emancipatória. Ou seja, busca levar as massas a 'lutar por sua servidão como se fosse por sua liberdade'. Os recursos e instrumentos mobilizados por essa direita decidida, que assume e aprofunda a submissão aos interesses do imperialismo estadunidense, assim como assume e aprofunda toda a miséria da superexploração e opressão genocida do capitalismo periférico, sem nenhum constrangimento mas até com orgulho, é, em parte, bem sucedida em suprimir as motivações populares mais comunais e favorecer a gratificação livre de seu privatismo capitalista excedente.

Algumas das tradicionais instituições midiáticas, jurídicas e políticas, que poderiam representar forças legalistas contra os ensaios autoritários, representam para grandes estratos da população a conservação de parte daquele todo abstrato que queriam mudar, além de estarem bastante desprestigiadas devido a memória social recente de oportunismos, corrupção estrutural, privilégios, silenciamentos convenientes e manobras obscuras.

De modo que os grupos empresariais e rentistas que se utilizam dessa extrema direita, podem chegar a perder o controle sobre a criatura que alimentaram, a ponto de não conseguir descartá-la quando essa lhes tornar contraproducente para a acumulação de capitais, ou, em último caso, antes que a ação popular a possa derrotar com forças próprias.

A chegada da pandemia acelera a crise do capital e intensifica a tensão e disputa sobre o quanto da crise capitalista conseguirá ser repassada para os médios e pequenos capitalistas, assim como para as classes subalternizadas e seus estratos mais explorados e oprimidos. No âmbito intraclasses capitalista, a pequena burguesia luta para não falir, enquanto a grande burguesia, além das isenções fiscais, demissões, retirada de direitos trabalhistas e acumulação de capital por meio da espoliação dos bens públicos restantes, pode ter por interesse que os pequenos e médios concorrentes quebrem ou sejam constrangidos a lhes vender os seus negócios e propriedades. O que aumenta a concentração das riquezas socialmente produzidas nas mãos de poucos e grandes capitalistas, aumenta a desigualdade social e o desemprego estrutural, expandindo e aprofundando nosso drama estrutural, para além da barbárie já naturalizada nos períodos de maior crescimento econômico e relativa estabilidade sociopolítica. Processo que, pelo contraste perceptivo gerado em sua velocidade e intensidade, pode ajudar a explicitar, em afecções ainda mais claras e distintas, algumas das contradições da (des)organização social capitalista, evidenciando a perversidade da norma social dominante. Um problema extremo, uma pandemia mortal, sobretudo para pessoas com comorbidades respiratórias, doenças crônicas, diabetes, hipertensão, acima de 60 anos ou em condição de maior empobrecimento e marginalização social, demandou uma resposta também 'extrema', ainda que não suficiente, o isolamento físico interpessoal. O isolamento tenciona a interrupção das atividades produtivas, ameaçando paralisar a geração de valor e a acumulação capitalista.

Evidencia a importância vital do trabalhador para a reprodução da existência humana, mas sobretudo para a acumulação capitalista, assim como expõe a descartabilidade de muitas vidas humanas para a reprodutibilidade do capital.

Entre as necessidades do capital e as necessidades humanas, as vidas são precificadas, evidenciando que a vida e a morte, sua, de seus familiares e amigos, são apenas números computados em frios cálculos mercantis. Nessa contabilidade higienista, se os idosos são improdutivos para a acumulação do capital, podem ser os primeiros a serem subtraídos da conta, passando por indígenas, negros, desempregados, etc. Para os trabalhadores, uma vez que são livres, são colocados para exercer a sua liberdade de escolher entre a fome ou o adoecimento, seu e de seus próximos.

No entanto, quando tudo parece perdido e a melancolia ético-política parece ter voltado a imperar sobre a maioria, apesar do risco de contaminação, uma nova potência de sentir, pensar e agir parece se reacender pelo poder coletivo de contestação das ruas. Desde as grandes manifestações multitudinárias que emanam do centro do capitalismo imperial[1], até os levantes democráticos e antifascistas[2], entendeu-se que o enfrentamento aos flertes protofascistas dos apoiados e governantes dos Estados burgueses era um serviço essencial (inclusive para o combate da própria pandemia). Uma necessidade inadiável, a ponto de, no Brasil, ser necessário furar mais uma vez o isolamento, agora para enfrentar as manifestações antidemocráticas e ultracapitalistas dos grupos governistas.

[1] Manifestações multitudinárias iniciadas no dia 25 de maio de 2020, nos Estados Unidos, durante o governo de um presidente de ultradireita, que tiveram por estopim o assassinato, pela polícia, do norte americano negro, George Floyd, se espalhando por vários dias, por todo os Estados Unidos e pelo mundo.

[2] Movimento protagonizado por torcidas organizadas de futebol, inspirado em movimentos surgido por volta dos anos de 1930, contra o fascismo na Itália e na Alemanha, onde foi criado o Antifaschistische Aktion pelo Partido Comunista Alemão, cuja bandeira foi renovada até os grupos antifascistas atuais.

São movimentos que, nos EUA e no Brasil, enfrentaram o risco da pandemia e da repressão, motivados por indignação contra práticas racistas. São ações contra neofascistas e ultraliberais (até com algum prazer com o poder de gerar medo a quem lhes impõe medo, como o que levou a Casa Branca a apagar todas as suas luzes e Donald Trump a se esconder em um bunker no subsolo), os quais buscam obstruir as desmesuras daqueles que fundamentam seu poder em dominação, opressão, sofrimento e exploração das classes despossuídas e subalternizadas.

No entanto, a fim de avançar para além do momento da reatividade, entendemos que as profundezas do privatismo excedente e as tendências neofascistas não acabam com a queda de um governante. Bem como a democracia parece não combinar com a dominação de classe, o antifascismo é fundamentalmente antirracismo, sendo indissociável da compreensão do anticapitalismo. Poderemos avançar para além da reatividade atual, sobretudo quando a livre-necessidade do ser social tiver o seu drama disposto, não mais entre o adoecimento ou a fome, mas entre a necessidade de uma radical transformação da organização social ou o aprofundamento da barbárie sanitária, ambiental, política e social do curso de acumulação destrutiva. A reatividade motivada pelo medo e pelo desejo de evitar a morte (SPINOZA, TP, cap. V, parag. 6), no drama entre a perda de direitos, o desemprego, o adoecimento e a repressão, pode ser incorporada e atravessada pela raiva e indignação ativa de combater o racismo, as tendências do neofascismo, o neoliberalismo e o capitalismo, de modo que essa atividade possa um dia buscar por sua eficácia, no predomínio da condução pela esperança ativa, pela alegria de construir outra sociabilidade que nos permita cultivar a vida.

Pedro H. C. Pessanha  
Doutor em Psicologia Social pela PUC-SP.  
Psicólogo e mestre em psicologia pela UFSJ.

Sete Lagoas, 8 de junho de 2020.

## Transmutar do coronavírus em leite e espuma de buiu

Diante da pandemia do novo coronavírus (SARS-coV-2), o medo de pegar a doença assola os parentes. Eu aproveitei as afirmações de meus professores e do meu colega tuyuka para elaborar este pequeno texto para abrir uma roda de conversa.

Ayuti misâ akawerérã? Ayuu!!! Numa perspectiva indígena, sobre o quê, o medo da doença, das fragilidades e da força da alma via bahsese (GILTON, 2020).

Os povos indígenas têm suas estratégias de defesa e fuga dos males ocidentais. O problema é quando não têm mais para onde fugir da ganância desenfreada dos "povos da mercadoria" (CARLOS, 2020).

Diariamente, o grupo de sábios fumando os seus cigarros conversava sobre o que havia sido visto em seus sonhos, que fórmula de proteção havia criado em sua meditação noturna (JUSTINO R., 2020).

Na minha humilde reflexividade antropológica, são linhas tortas de pensamentos. O meu projeto de pesquisa de doutorando vem nessa linha de pesquisa, sobre "povos indígenas descidos dos rios acima para a cidade", e como diz o professor Carlos, sobre os "povos da mercadoria".

A questão que o professor Gilton levanta é crucial para nós, indígenas, pesquisadores dessa linha da saúde.

Então, via bahsese, em geral, a categoria de especialista conhece do universo das doenças indígenas, da relação do tempo, das origens, das causas e dos tratamentos. Ultimamente, senhor Justino Pena, que é meu sogro, um simples basegi, fala que essa doença do coronavírus é uma ameaça para a saúde indígena. Uma preocupação não só de ficar em casa ou de ficar quarentena. Mas, para ele, essa doença de coronavírus é um desafio de seu conhecimento de base.

Eu também inicio relatando sobre minha última pesquisa de campos (2020), no sítio Itaiapu, rio Tiquié/São Gabriel da Cachoeira, Estado do Amazonas. Eu ouvi do senhor Benedito, que é meu colaborador, meu padrasto, ex-aluno do colégio internado e morador do baixo rio Tiquié. Então, ele me contou que "antes da chegada dos missionários, certo período houve muitas mortes dos indígenas da região". A missão salesiana de Taracuá foi fundada em 1923, no Alto rio Negro, noroeste amazônico. Eu também nunca cheguei a pesquisar as fontes bibliográficas, as crônicas dos padres salesianos da diocese de São Gabriel ou Paroquia Sagrado Coração de Jesus. Mas com certeza devem existir as fontes primárias. "Antes da chegada dos missionários houve num certo período muitas mortes dos indígenas da região" (BENEDITO, 2020). Naquele tempo, ocorreram muitas mortes por causa de epidemias como sarampo, varíola, tuberculose e malária na região. Muitas gentes morreram por não saberem os cuidados dessas doenças e do baseese. Essas doenças não são do universo e de conhecimento indígena. Na história do povo indígena, as doenças entraram nas aldeias, nos rios etc., por meio da mercadoria, a exemplo do filme "Brincando nos campos do senhor", de 1991, e sem contar outros fatores socioeconômicos para suprir as necessidades.

Como afirma Justino R. (2020), muitas famílias adentravam nas cabeceiras dos rios, dos lagos, ou iam às casas das roças, para fugirem das doenças por um tempo indeterminado. Como os velhos não sabiam nem conheciam do tratamento e da cura, o jeito era fugir dessas doenças. Naquele tempo, eles tinham lugares para se protegerem. Para tratar e cuidar, tem de conhecer às origens, as causas e os tratamentos. O exemplo que o senhor Benedito trouxe foi a questão da malária na região. A saúde pública do município de São Gabriel da Cachoeira/AM afirma que é o carapanã da malária [vetor responsável pela disseminação]. A reação da categoria de especialista, todo Kumû ou Basegi irá dizer que, existe, sim, wuhake pari/panela da malária destampada por um sábio malfeitor e, existe sim a origem causadora. A categoria de especialista ainda não foi convidada para entendimentos institucionais governamentais ou para enfrentamento da malária.



As doenças citadas acima, como afirma Dominique Gallois (1989), são doenças do tempo e doenças contagiosas pelo contato. Procurei me informar e situar melhor com outros textos da antropologia da saúde, referentes à saúde e aos povos indígenas (SANTOS & COIMBRA, 1994), mas nada dessa gravidade, entretanto. São doenças pontuais e localizadas, onde se encontram os povos indígenas.

Os antigos se cuidavam por meio de base-se, akó sistase, uhuse e yukî ou taá dika. Para os baserã, esses elementos contêm anticorpos. A preocupação do senhor Justino é exatamente a do base-se. Qual é a fórmula específica, como acioná-lo e, em que momento da doença pode utilizá-lo? O receio do senhor Justino, já que não funciona com os próprios medicamentos, para ele, o base-se também não traria resultado positivo. Ele acredita que deve transmutar do coronavírus em leite e uma espuma de buiuiu no corpo das pessoas, e tem de esfriar do estado febril para o corpo saudável. Segundo essa categoria de especialista, entende-se que o estado febril das pessoas é semelhante à fabricação de ferro, de ouro... Numa temperatura alta, assim o nosso corpo está fervendo, a qual a gente chama de estado febril. Para se ter certeza, devemos passar por vários experimentos de base-se e nos prevenirmos tomando chá reforçado como base-se e não se sabe exatamente quais elementos mesmos influenciam. Se for vírus dos tempos, então deve existir uma fórmula específica para a proteção e para as curas. O que cabe, para nós pesquisadores da área da saúde, é ajudar para a categoria de especialista ser reconhecida na reflexividade do cuidado e do tratamento.

É verdade! Nossos avôs e nossos pais fugiam das doenças para os centros das matas. Quanto mais for contagiosa, os velhos temiam e se retiravam do ambiente ou abandonavam suas casas e iam aos lugares distantes e assim faziam suas quarentenas. Não é um pessimismo sentimental! Mas é uma análise contextual. Atualmente, nós somos os povos indígenas descidos pelos rios acima para a cidade. Agora somos de outros tempos, com outras realidades, e muitos de nós somos de lá e, nós, hoje, estamos no contexto urbano, seja no contexto do município e da capital.

Nossas origens, nossas comunidades de nossos antepassados, ficaram para trás como nossos umbigos cortados e enterrados na terra. São também os nossos vínculos para a existência indígena, como marco territorial. E essa descida pelo rio para as cidades é para se tornar povos indígenas da mercadoria, e isso é exatamente o que aconteceu e o que acontece. O modelo de vida ocidental nos atrai para o poder, para dominar e para tê-lo. A vida dos antepassados era coletividade e atualmente foi transformada em individualidade. Por esse motivo se cria a ânsia de querer possuí-los. Os velhos faziam viagens de visitas para seus cunhados, para oferta ou retribuição, para a festa do ritual, para o trabalho, para ensinar e aprender conhecimentos dos úkûse, dos base e dos basamori e, depois, certo período eles voltavam para os locais de origens. Hoje em dia vivemos nos centros urbanos e longe de nossas origens. Não temos mais para onde fugir, e não por falta da terra.

O desenvolvimento (questão do garimpo, instalação de hidrelétricas, turismo, lazer e pesca esportiva etc.) adentra nas TIs e não existe lugar mais seguro, lugar para se ter uma boa saúde. Na contemporaneidade, os nossos locais de nascimentos, as nossas origens, quando chegam algumas epidemias nas nossas comunidades se criam certas cosmopolíticas. Desde o começo da história, povos indígenas foram transformando esta realidade social moderna. Por fim, numa perspectiva sociológica e antropológica da reflexividade, trata-se de uma questão de coletividade humana, ecológica, do cuidado e da sensibilidade do ensinamento dos kumuá. Aka wererã marî ye wiiseri nii buruorã/Fique em Casa!

Silvio S. Barreto

Mestre e Doutorando - NEAI/PPGAS/UFAM. Licenciado em filosofia pela Faculdade Salesiana Dom Bosco/Manaus. Especialização em Gestão Escolar pela Faculdade Educacional da Lapa/Paraná. Mestre e Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas. Membro do Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI), Representante do Colegiado Indígena do PPGAS. Bolsista da Capes. Falante da língua tukano e pertencente aos Bará/Tukano Oriental.

23 de março de 2020.

